



SATURNÁLIA - ESCOLA DE ASTROLOGIA & TAROT

ANA LUISA BAMBIRRA ALVES

O MAPA DA FUNDAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL: UMA
ANÁLISE ATRAVÉS DAS ESTRELAS FIXAS

CURITIBA
2023

Ana Luisa Bambirra Alves

**O MAPA DA FUNDAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL: UMA ANÁLISE
ATRAVÉS DAS ESTRELAS FIXAS**

Trabalho de Conclusão Celeste
apresentado à Saturnália – Escola
de Astrologia sob orientação da
professora Thamires Regina
Sarti.



SATURNÁLIA - ESCOLA DE ASTROLOGIA & TAROT

A Comissão Julgadora dos Trabalhos de Conclusão de Curso, composta pelos professores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 3 de novembro de 2023, aprovou o trabalho “O mapa da fundação do Estado de Israel: uma análise através das estrelas fixas” redigido por Ana Luisa Bambirra Alves na cidade de Curitiba.

Prof^a. Thamires Regina Sarti

Prof^a. Ana Thomazini

Prof^a. João Acuio

CURITIBA
2023

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo deste trabalho sem prévia autorização do autor, do orientador e da Saturnália – Escola de Astrologia & Tarot. Sujeito às conformidades da lei dos direitos autorais nº 9610/98.

Agradecimentos

Ao João Acuio e a todos os professores, amigos e colegas da escola, por toda a sabedoria compartilhada ao longo do meu caminho na Astrologia.

À minha orientadora Thamires Regina Sarti, por cada questionamento e pela companhia neste percurso.

Ao Fernando Resende e à Daniele Abilas, por despertarem em mim este olhar sobre a Palestina e Israel.

À minha mãe, pelo apoio incondicional de sempre.

À minha rede de apoio, à minha casa 11, por não me permitir desistir.

À Enylda Motta e Vanessa Andrade, pelas ferramentas para que eu não desista.

RESUMO

O presente artigo se propõe a analisar o mapa da autoproclamação do Estado de Israel, que ocorreu em 14 de maio de 1948, às 16h37, em Tel Aviv, horas antes do fim do Mandato Britânico na Palestina. As várias frentes do projeto sionista, vistas através das estrelas fixas consteladas no mapa de sua autoproclamação, representam bem seus pilares governamentais, mostram faces desta ideologia e disserem sobre como este sistema tomou corpo e forma ao longo dos últimos 75 anos. O artigo tem como foco quatro estrelas fixas que se destacam neste mapa: Marte conjunto a Regulus, Mercúrio conjunto a Aldebaran, Saturno conjunto a Acubens e Sol conjunto a Algol.

Palavras-Chave: Astrologia Mundana, Palestina, Israel, Sionismo, Estrelas Fixas, Acubens, Aldebaran, Algol, Regulus

LISTA DE CARTAS ASTROLÓGICAS

Carta 1 - carta da autoproclamação do Estado de Israel, Signos Inteiros, Tel Aviv, 14 de maio de 1948, 16h32	12
Carta 2 - carta da autoproclamação do Estado de Israel, Signos Inteiros, Tel Aviv, 14 de maio de 1948, 16h37	12
Carta 3 - carta da Grande Conjunção Júpiter-Saturno, Signos Inteiros, Tel Aviv, 15 de fevereiro de 1941, 08h36	15
Carta 4 - carta da reunião da ONU da Resolução 181, Signos Inteiros, Nova Iorque, 29 de novembro de 1947, 16 horas	17
Carta 5 - carta da autoproclamação do Estado de Israel, Signos Inteiros, Tel Aviv, 14 de maio de 1948, 16h37	19
Carta 6 - carta da Declaração de Balfour, Signos Inteiros, 02 de novembro de 1917, sem horário	24
Carta 7 - carta da autoproclamação do Estado de Israel, Signos Inteiros, Tel Aviv, 14 de maio de 1948, 16h37	25
Carta 8 - carta da autoproclamação do Estado de Israel, Signos Inteiros, Tel Aviv, 14 de maio de 1948, 16h37	30
Carta 9 - carta da autoproclamação do Estado de Israel, Signos Inteiros, Tel Aviv, 14 de maio de 1948, 16h37	33
Carta 10 - carta da proclamação da independência da Palestina, Signos Inteiros, Jerusalém, 15 de novembro de 1988, 00h40	37
Carta 11 - carta do fim do mandato britânico na Palestina, Signos Inteiros, Jerusalém, 15 de maio de 1948, 00 horas	39

SUMÁRIO

Introdução	9
Contexto histórico	13
A Conjunção Júpiter-Saturno de 1941	14
Sobre a Resolução 181 da ONU	17
Capítulo 1: Regulus - A criação de um povo através do Plano Dalet	19
Capítulo 2: Acubens - A Declaração de Balfour e a arqueologia como arma	23
Capítulo 3: Aldebaran - A “guerra no coração da linguagem” e o apartheid	28
Capítulo 4: Algol - A existência da Palestina é uma inimiga declarada	33
E a Palestina?	37
Considerações finais	41
Referências bibliográficas	43



Figura: a perda de território na Palestina. Imagem também chamada de “Palestina se encolhendo”.
Fonte: <https://www.palestineportal.org/learn-teach/israelpalestine-the-basics/maps/maps-loss-of-land/>

Introdução

São 18h41 do dia 8 de outubro de 2023, me encontro em um hostel na cidade de Ramallah, centro político, cultural e econômico da Palestina. Cidade grande, movimentada, que o Janus (software de astrologia) não reconhece em sua lista - assim como não lista Palestina entre sua lista de países. Fronteiras e *checkpoints* fechados, poucos vôos partindo, estradas bloqueadas e atacadas. Greve geral, ruas vazias, comida estocada para 2-3 dias. Ontem, a vida corria normalmente na Manara Square. Ao mesmo tempo, o medo do escalonamento da situação é palpável, visível, presente. Estou cercada de estrangeiros, brasileiros, mexicanos, dinamarqueses. A nossa vida está na mão do controle sionista. Mas este artigo não é sobre mim.

Escrevo essa introdução após mais de uma semana nesse território fértil e ocupado, chamado Palestina. As celebrações em Bethlehem, da felicidade e acolhimento, por um lado; as ruas desertas de Hebron, com soldados israelenses armados no topo de seus prédios, o “vale das lágrimas” na cidade de Majdal Shams, nas colinas de Golã, cidade

síria ocupada pelas forças israelenses, do outro. As manifestações de abundância e vida do povo palestino em cada palma vibrante de uma dabke (dança palestina). A solidariedade dos amigos em Ramallah.

A Vênus conjunta à estrela fixa Regulus, disponde o Sol Algorab e o Marte em exílio oculto pela cauda do dragão, testemunhou um ato nunca visto antes, com o Hamas (um partido político) se infiltrando em assentamentos ilegais israelenses. Marte conjunto ao Nodo Sul apontou para uma escalada de violência, com bombardeios incessantes contra civis durante mais de 120 dias, desabrigando pessoas e colocando-as em situações degradantes, como a falta de comida e de água potável. A ONU investiga acusações de estupro de mulheres por soldados israelenses¹. A mídia ocidental e os chefes de Estado apoiam a resposta de Israel e condenam ataques “terroristas”, desconsiderando tamanha violência que se passa contra todos os palestinos desde a fundação deste Estado, sejam eles da Cisjordânia, de Gaza, de Jerusalém ou de 48². Desconsideram o uso de armas ilegais como o fósforo branco em Gaza, desconsideram os crimes de guerra cometidos por Israel, desconsideram o direito internacional, que condena o crime de genocídio desde 1948³. Creio que a Vênus-Regulus também se trate da grandiosidade da resistência palestina, de figuras como Bisan, Noor Harazeen, Motaz Azaiza e Wael Al Dahdouh, sendo fontes de notícia para o mundo apesar de toda a tragédia, mostrando pela primeira vez um “genocídio televisionado”.

Hoje é dia 27 de outubro de 2023. Neste momento em que escrevo, o eclipse lunar próximo simboliza o corte de comunicação e internet em Gaza. Mais de 7 mil⁴ vidas e sonhos perdidos, mais de 1 milhão de palestinos com casas destruídas. Toda a solidariedade ao povo palestino. A Palestina será livre, do rio ao mar.

¹ Fonte:

<https://www.ohchr.org/en/press-releases/2024/02/israel-opt-un-experts-appalled-reported-human-rights-violations-against>

² “Palestinos de 48” é como os palestinos se referem aos palestinos que habitam o que o restante do mundo chama de Israel. Para aprofundamento do tema, sugiro a tese de Rafael Gustavo de Oliveira, “Al Dakhel, cartografias como experiência: Reflexões a partir de um trabalho de campo na Palestina”. Universidade Federal do Paraná, 2019.

³ Para maiores informações sobre a Convenção de Prevenção e Punição do Crime de Genocídio: <https://www.un.org/en/genocideprevention/genocide-convention.shtml>

⁴ No momento de revisão deste artigo, em 12 de fevereiro de 2024, o número de palestinos mortos desde outubro de 2023 ultrapassa a marca de 28 mil.



Figura: um corvo desamarra uma bandeira israelense em um assentamento judeu na Cisjordânia.

Fonte: <https://www.middleeasteye.net/news/israel-anarchist-crow-tearing-down-flag-west-bank>

Especialmente sob a luz dos últimos acontecimentos, torna-se urgente olhar para o passado e para a história. Este artigo se propõe a olhar para o mapa da formação do Estado de Israel sob a luz de 04 estrelas fixas: Regulus, Acubens, Aldebaran e Algol. A criação de um Estado judeu se deu através de uma ocupação violenta na Palestina, um processo de colonização, com o aval da Inglaterra, país que ocupou o território desde a década de 1920 até às 00h do dia 15 de Maio de 1948.

O mapa utilizado neste artigo tem como base o horário estabelecido por Michael Baigent, Nicholas Campion e Charles Harvey, no livro Mundane Astrology (p. 459). Durante o percurso da pesquisa, me deparei também com outro mapa, no livro de Nicholas Campion, The book of World Horoscopes (p. 167). O primeiro mapa possui o horário de 16h37 para o fim do evento de leitura da “declaração de independência de Israel”, enquanto que o segundo, apesar de citar a possibilidade de dois horários, utiliza o mapa das 16h32. Esses 5 minutos de diferença mudam imensamente o mapa: o primeiro, de Ascendente Escorpião, e o segundo, de Ascendente Libra.

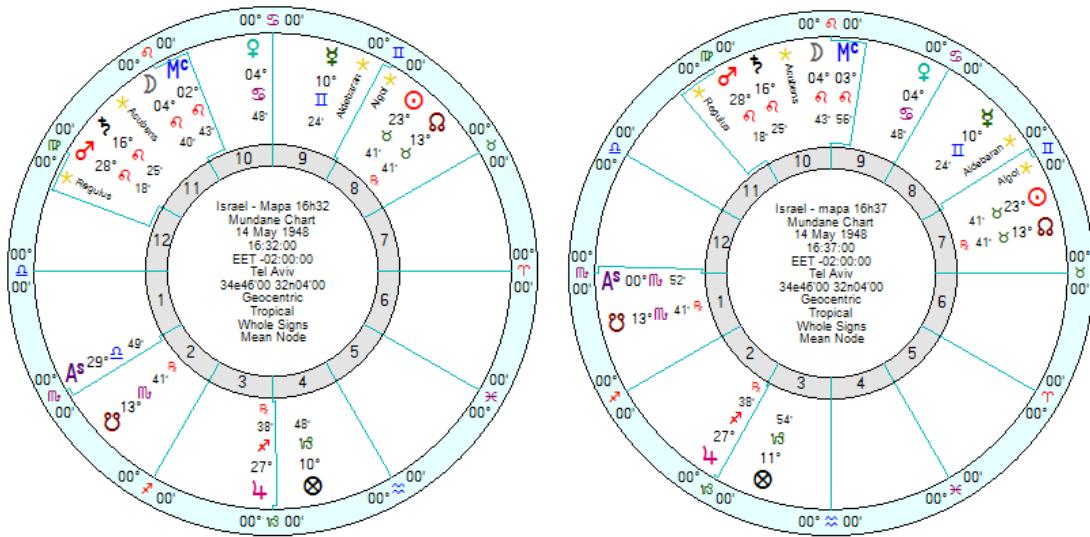


Figura: à esquerda, mapa da autoproclamação do Estado de Israel calculado para às 16h32 (mapa A). À direita, o mesmo mapa, calculado para às 16h37 (mapa B). Software utilizado: Janus 5.5

Cabe maior aprofundamento de pesquisa. Contudo, considerando que o mapa das 16h32 possui o regente do Ascendente sem aspectos, defendo o mapa das 16h37, sob o Ascendente Escorpião.

O mapa desta pesquisa foi aberto para Tel Aviv, pois esta cidade, além de ser o local onde a “autoproclamação de independência” foi lida, representa o centro dos pilares de formação do Estado israelense: colonização, apropriação de uma religião, o discurso como uma arma, do plano de limpeza étnica e a ficcionalização de um passado.

Para este artigo, olho para o contexto pré e pós 1948: a legitimação do projeto sionista, e como estas estrelas fixas consteladas no céu de sua declaração representam pontos de legitimação e funcionamento do Sionismo no território, cuja ideologia explicaremos em breve.

Como aprofundo mais adiante, Israel se legitima através da instrumentalização do sofrimento, da religião e da criação de um passado, da transformação da linguagem como uma arma de guerra, da violação de direitos humanos, da declaração da Palestina como uma inimiga e do plano militar de limpeza étnica.

Contexto

“Os povos têm o direito de se inventarem, como fizeram tantos movimentos nacionais em seu momento de concepção. Mas o problema se agrava quando a narrativa de gênese engendra projetos políticos como genocídio, limpeza étnica e opressão.” (PAPPÉ, p. 61)

Desde Napoleão Bonaparte, que tentou colonizar a Palestina e, para isso, ofereceu o território à comunidade judaica no século XIX, a ideia de um Estado judeu está presente na Europa. Nesse século, entre 1840 e 1880, o conceito de **Sionismo** surge. Trata-se de uma ideologia na qual se defende a colonização através do povoamento de um território pelo povo judeu. Inspirado pela “primavera dos povos” europeia, seus defensores almejavam acompanhar o processo de colonização presente no continente. Um dos nomes conhecidos neste movimento, Theodor Herzl, em 1890, concluiu que não havia esperança de que os judeus seriam aceitos na Europa, e por isso defendia a fundação de um Estado judeu na Palestina como solução ao problema (PAPPÉ, p. 65).

A ideia não foi tão aceita por parte dos judeus europeus, pelo medo de alimentar o antisemitismo. Havia, entretanto, setores da sociedade judaica e até mesmo alguns rabinos, que apoiavam o sionismo. Apesar de significar uma parcela pequena, sua atuação foi importante para implementar os alicerces nacionalistas religiosos no movimento. Nessa época, houve até mesmo a incorporação da bíblia cristã, na qual líderes sionistas desafiavam a sua interpretação:

os amantes de Sião, por exemplo, liam a bíblia como a história de uma nação judaica nascida na terra da Palestina, oprimida e exilada no Egito a mando do regime caanita e que, mais tarde, retornou à sua terra para libertá-la sob a liderança de Josué. A interpretação tradicional, em contraste, não foca na narrativa de uma nação e sua pátria, mas na história da descoberta de um deus monoteísta por Aarão e sua família. (PAPPÉ, p. 74)

Apesar de ser identificada desde o século XIX, as ideias sionistas ganharam força após a Primeira Guerra Mundial, com o tratado de Sykes-Picot, marcadamente colonialista, que dividia a influência sobre o que conhecemos como Oriente Médio entre a Inglaterra e a França (e a Palestina ficava com a influência inglesa). Após movimentações políticas dos líderes do movimento sionista, a Inglaterra abraçou a causa e emitiu a **Declaração de Balfour** em 1917. A simpatia do Governo Britânico pela criação de um

Estado judeu fez com que os colonizadores apoiassem a ida de judeus europeus ao território e fomentassem a sua ocupação.

Os líderes dos movimentos sionistas na Palestina, com este aval do mandato britânico, elaboraram um plano de ocupação - afinal, estavam em um território já ocupado por outro povo, o povo palestino. Concluíram que só conseguiram através da força militar, e por isso arquitetaram um plano de ocupação e expulsão da população palestina, que ficou conhecido como Plano Dalet. Este plano levaria à expulsão e exílio de mais de 700 mil palestinos, além de assassinatos e massacres (como os dos vilarejos de Deir Yassin e de Tantura, ambos em 1948).

Em 1947, a Inglaterra anunciou o fim do domínio britânico sobre o território, e transferiu a decisão sobre sua ocupação para a Organização das Nações Unidas. Esta, por sua vez, em 29 de novembro de 1947, aprovou a **Resolução 181** e a partilha da Palestina com um Estado judeu. Vale ressaltar que, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a revelação do Holocausto, o movimento sionista aumentou a pressão pela aprovação do plano de partilha da Palestina. Do ponto de vista político, a Europa buscava aplacar a crescente impopularidade do antisemitismo nazista que havia marcado as políticas nacionais das últimas décadas.

Em 14 de maio de 1948, a Inglaterra emitiu um documento declarando o fim da ocupação inglesa na Palestina a ser realizado às 00h do dia seguinte. Ainda no dia 14, contudo às 16h, iniciou-se a leitura da “declaração de independência” (uma autoproclamação de independência) do Estado de Israel por David Ben-Gurion, que se tornaria primeiro-ministro do país.

A Conjunção Júpiter-Saturno de 1941

Poucos anos antes da formação do Estado de Israel, houve uma Grande Conjunção Júpiter-Saturno sob o grau 09 de Touro. Para o mapa em Tel Aviv, a Grande Conjunção aconteceu na casa III. Júpiter rege o próprio Ascendente, em Peixes, além da casa X, enquanto que Saturno rege as casas XI (Capricórnio) e XII (Aquário). A regência, principalmente da casa X, denota a importância ligada ao poder da época - no caso, o mandato britânico. A coroa / o governante, aqui representada pelo regente da casa X,

está no signo fixo de Touro, estável porém cadente. O regente essencial do governante, o Sol, está em Aquário, seu detimento, e também em casa cadente - reforçando a fraqueza deste governo.

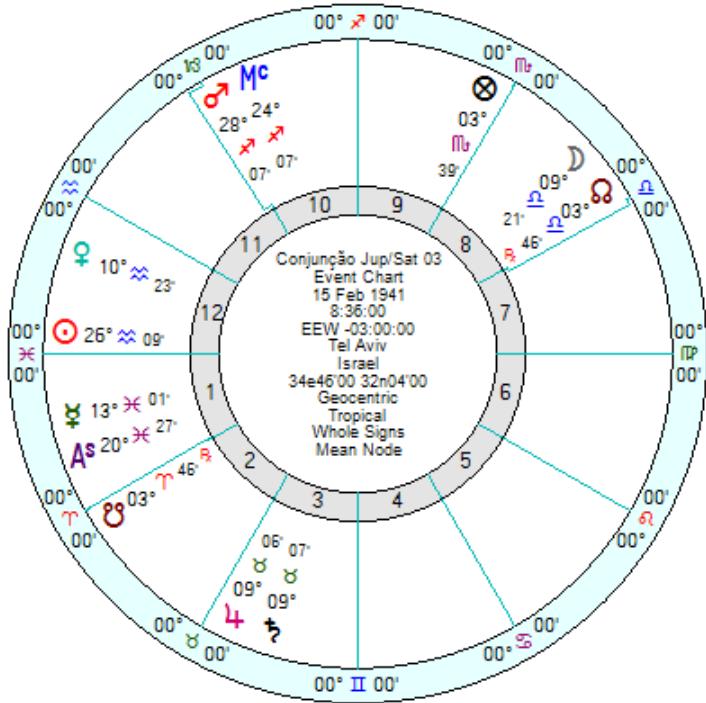


Figura: mapa da Grande Conjunção Júpiter-Saturno em Touro, de 15 de Fevereiro de 1941. Mapa calculado para a cidade de Tel Aviv.

Os assuntos ligados à terra são significados por Mercúrio, o regente da casa IV, e estão em queda contudo jubilados - a Palestina está sob ameaça. Mesmo com forte resistência da população palestina, o projeto sionista ganha força e relevância neste ciclo, e ganhará ainda maior evidência quando, no fim da Segunda Guerra Mundial, for descoberto o projeto de exermínio dos judeus pelo governo nazista. A denúncia do Holocausto se tornaria uma ferramenta de pressão para que o Estado judeu fosse formado.

O povo, significado essencialmente pela Lua, está conjunto à estrela fixa Vindemiatrix⁵, epsilon da constelação de Virgem. Dentre seus nomes clássicos, um deles é “Aquele que foi enviado”, ou “Al Mureddin - Aquele que deverá descer”. Astrologicamente, foi dito ser da natureza de Saturno e Mercúrio, por Ptolomeu. Normalmente associada à viuvez,

⁵ Apesar de não ser uma das estrelas-fixas foco deste artigo, sinto-me na obrigação de citá-la por Abu Mashar listá-la dentre outras 20 estrelas-fixas em seu livro *Flowers - Book V: On the Fixed Stars*. Apesar do livro não discorrer o que representaria a Lua conjunta a Vindemiatrix, ele não cita todas as estrelas reais mas cita esta. Logo, acho importante olhar para ela com maior atenção.

Morse sugere a associação de Al Mureddin a missionários. “Isso não é para dizer que todos com esta estrela forte em seu mapa sairão e pregarão o evangelho ao pagão, apesar de que muitos realmente sintam um forte chamado religioso” (MORSE, p. 72, tradução livre)⁶. Conjunta à Lua, Vivian Robson destaca preocupações, decepções e perdas através da lei (p. 215). O ciclo dos próximos 20 anos prometia forte teor religioso vindo da população e perdas “legais” para a mesma. A população judaica-sionista aumentava cada vez mais, com os incentivos de imigração para “o retorno à terra sagrada”, e é neste momento-chave que a ONU deliberaria o destino daquele território.

Este Sol, apesar de debilitado, faz antíscia com a Fortuna em Escorpião na casa IX. A casa IX está associada ao estrangeiro, e a Fortuna nesta casa, em associação ao Sol (o governante), significaria um foco maior em questões internacionais - o mandato britânico acompanhando e acatando as discussões da ONU que definirão a solução e o destino da Palestina. A conhecida Resolução 181, de 29 de novembro de 1947, foi estabelecida em reunião da ONU presidida pelo brasileiro Osvaldo Aranha, e definiu a criação do Estado de Israel dentro da Palestina, determinando as fronteiras de cada país, e destacando que Jerusalém seria um território “neutro” e internacional. Cabe lembrar que nenhum palestino participou das discussões. A casa IX deste mapa é regida por Marte, significador essencial de cortes. Marte, por sua vez, se encontra no signo de Sagitário, signo ligado a fronteiras e ao internacional. Podemos ler desta forma: do internacional (da casa IX) vem a partilha, vem corte (Marte) de fronteiras (Sagitário). O plano que se estabelece da casa IX é o acordo de que o mandato britânico teria 06 meses para se retirar do país e realizar a transferência de poder.

⁶ Fonte: <https://www.constellationsofwords.com/vindemiatrix/>

Sobre a Resolução 181 da ONU

No dia em que a Resolução 181 foi votada, Sol, Vênus e Júpiter se encontravam no signo de Sagitário. Marte e Saturno já se encontravam no signo de Leão, Marte já conjunto à estrela fixa Regulus. Como veremos ao longo do artigo, essa conjunção coroa os generais e os militares que arquitetaram e executaram o projeto de limpeza étnica na Palestina.

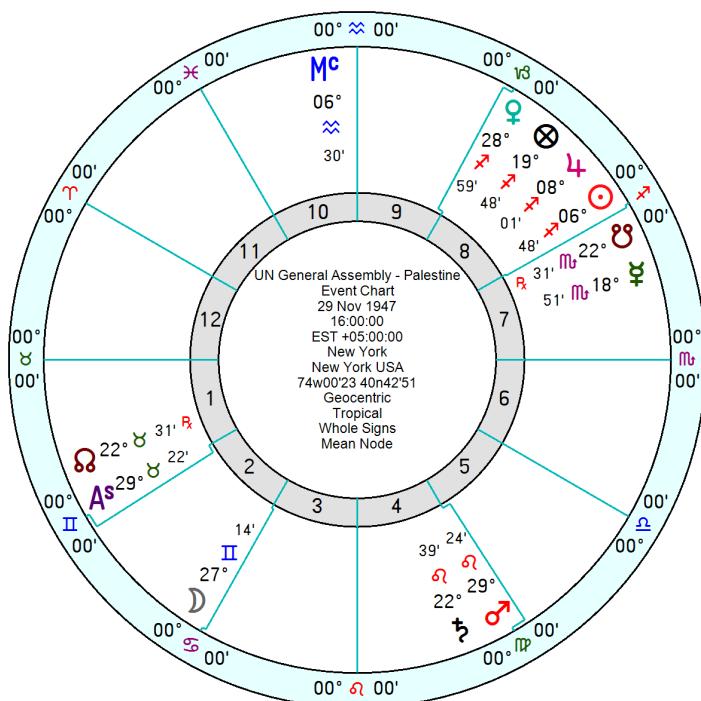


Figura: mapa calculado para o início da assembleia da ONU onde foi eleita a Resolução 181. Fonte do horário: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-189596/>

Nos quatro meses seguintes, Marte retrogradaria. Marte lento é um dos significadores de guerras, como Dykes lista (p. 50). Temos Marte angular, especialmente na casa IV. Marte significa hostilidade direta, enquanto que Saturno é a destreza. Os dois maléficos estão angulares e conjuntos, fortalecendo-os. E, ainda segundo Dykes, planetas lentos sugerem guerra, planetas retrógrados sugerem fuga ou desintegração da guerra, e planetas diretos indicam paz. De dezembro de 1947 a março de 1948 houve a elaboração de um plano de conquista territorial e expulsão populacional, com tentativas bem-sucedidas de expulsão de palestinos, como na cidade de Haifa. A partir de abril de 1948, com o plano elaborado, houveram massacres como o do vilarejo de Deir Yassin,

onde os números de palestinos mortos variam de 93 a 170, sem contar os mortos em combate, destes, 30 eram bebês (PAPPÉ, p. 110).

Após os 06 meses, em 14 de maio de 1948, o mandato britânico emitiu uma declaração informando que se retirariam do território às 00h do dia seguinte. Neste dia, houve a autoproclamação do Estado de Israel às 16h, sendo finalizada às 16h37, e a transferência de poder foi feita com David Ben-Gurion assumindo o cargo de primeiro-ministro. A partir de então, o dia 15 de maio de 1948 seria relembrado como A Nakba (“a catástrofe”) pelos palestinos, pois foi nesta ocasião que mais de 700 mil palestinos foram expulsos de seus vilarejos e terras. Refugiados em países vizinhos e em suas próprias terras (como os campos de refugiados em Gaza, por exemplo), enquanto um governo novo surgia em suas terras natais, trazendo leis para sua exclusão social.

Nos capítulos que seguem, destrincho como o projeto sionista agiu em diversas frentes, através das estrelas fixas consteladas no mapa de sua autoproclamação. Entendo que elas representam bem os pilares governamentais, mostram faces desta ideologia e como ela tomou corpo e forma ao longo dos últimos 75 anos. Focarei o olhar em quatro estrelas fixas que se destacam neste mapa: Marte conjunto a Regulus, Mercúrio conjunto a Aldebaran, Saturno conjunto a Acubens e Sol conjunto a Algol.

Capítulo 1: Regulus

A criação de um povo através do Plano Dalet

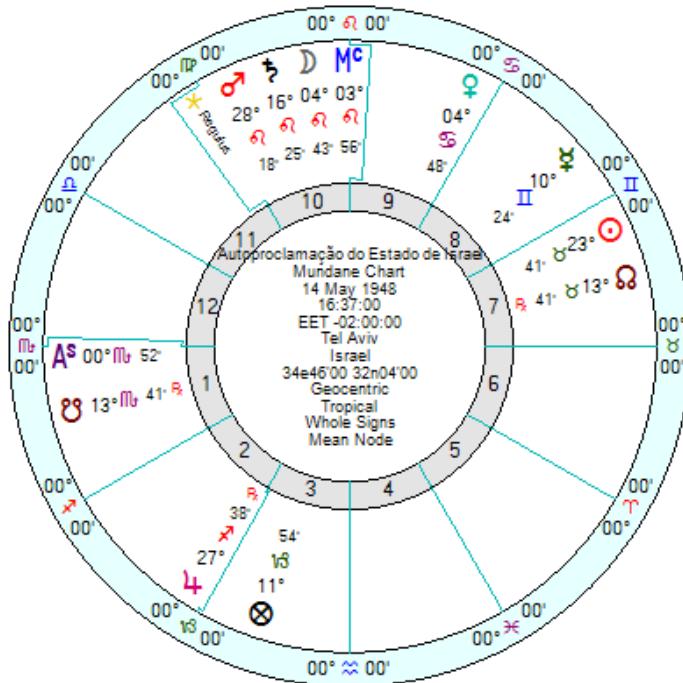


Figura: mapa da autoproclamação do Estado de Israel, em 14 de Maio de 1948, às 16h37 em Tel Aviv. O mapa sinaliza a estrela fixa Regulus.

O Ascendente do mapa está no signo de Escorpião. Signo regido por Marte, e, neste caso, Marte em Leão. Com a autoproclamação do Estado, nasce um povo. Nasce um “nós”. Nasce uma identidade. Nasce um Leão. Este Leão chega ao poder, Israel é consolidado.

Leão, na Astrologia, é um signo masculino, fixo, ligado ao verão para Paulus Alexandrino; livre, ígneo, sólido, autoritário, irascível, virtuoso e insubordinado para Vettius Valens. É um signo de liderança, pois dá domicílio ao Sol, e não exalta nenhum planeta. Vemos que uma autoridade alcança o poder quando Israel é consolidado. Além disso, o Sol é a identidade e o orgulho, e o povo israelense se alimenta desta narrativa de bravura de pertencimento a esta terra.

Mas quem veste as vestes de Leão é Marte, o planeta da guerra. E este ainda conta com a estrela fixa Regulus. Ao falar sobre Marte citando Vettius Valens, Eduardo Gramaglia descreve que Marte representa guerras, violência, vandalismo, gritos, usurpação de

pertences, quedas, fugas, roubos violentos (p. 40, tradução livre). É considerado o pequeno maléfico na Astrologia.

E como nasceu este povo?

Através da usurpação de pertences. Através da guerra. Através de Marte. Através do que ficou conhecido como *Plano Dalet*.

Para falar sobre o que foi o Plano Dalet, começo citando um trecho que Ilan Pappé traz em seu livro “Limpeza Étnica”:

“O que você quer dizer com ação violenta?”, inquiriu Ben-Gurion.

“Destruir os transportes (ônibus, caminhões que carregam produtos agrícolas, carros particulares)... afundar os barcos pesqueiros em Jaffa, fechar suas lojas e impedir as matérias-primas de chegarem às suas fábricas.”

“Como eles reagiriam”, perguntou Ben-Gurion.

“A reação inicial pode ser a revolta, mas em determinado momento eles entenderão a mensagem”. O objetivo principal era assegurar, assim, que a população estivesse à mercê dos sionistas, de forma que seu destino fosse selado. Ben-Gurion pareceu gostar dessa sugestão, escrevendo três dias depois a Sharett para explicar a ideia geral: a comunidade palestina na área judaica estaria “à nossa mercê” e qualquer coisa que os judeus quisessem lhes seria feito, incluindo “matá-los de fome”.

(PAPPÉ, p. 74)

Dentre os arquitetos do projeto sionista, era entendido que, para habitarem as cidades e vilarejos palestinos, seria necessário o uso da força. Seria um projeto de conquista. Mas além da conquista territorial, o projeto sionista almejava o estabelecimento de um estado exclusivamente judeu. Para isso, fazia-se necessário traçar um pretexto para invadir terras palestinas, conquistá-las e matar ou expulsar os palestinos residentes lá. O que foi efetivamente consolidado é o Plano Dalet. Independentemente de se os palestinos decidissem colaborar ou opor-se à criação de um Estado judeu, este plano propunha sua expulsão de forma sistemática e total dos palestinos de sua pátria. Estudos com pessoas infiltradas na sociedade palestina foram feitos durante anos, mapas foram traçados, perfis da sociedade, nomes de ativistas políticos foram listados, para que, desta forma, uma estratégia militar fosse elaborada. Este plano foi responsável por massacres e o êxodo de mais de 700 mil palestinos⁷.

⁷ PAPPÉ (2006), p. 15.



Foto: massacre de Deir Yassin. Fonte:

<https://www.monitorooriente.com/20210409-relembrando-o-massacre-em-deir-yassin/>



Foto: massacre de Tantura. Fonte: <https://fepal.com.br/opiniao/fantemas-de-tantura/>

Regulus é uma estrela fixa que representa o coração do Leão. Está associada ao mito do Leão de Nemeia, que causou destruição na região onde esteve, até que Héracles precisou enfrentá-lo e matá-lo dentre uma de suas missões. Seu couro era impenetrável, e o herói pôde vencê-lo através de um golpe com seus braços. É a Alfa da constelação de Leão, Vivian Robson afirma que também pode ser chamada simbolicamente de pé

esmagador (p. 195). Era uma das quatro estrelas reais da Pérsia, assim como as estrelas Aldebaran, Antares e Fomalhaut, e assinalava o solstício de verão. É da natureza de Marte e Júpiter para Ptolomeu, apesar de que, de acordo com Robson, outros autores a associam apenas a Marte. Traz

violência, destrutividade, honra militar de curta duração, com fracasso no final, encarceramento, morte violenta, sucesso, ideais elevados e sublimes e força de espírito, e torna seus nativos magnânimos, grandiosamente liberais, generosos, ambiciosos, gostando do poder, desejosos de comando, ousados e independentes (ROBSON, p. 195)

Além do significado essencial de Marte ao exército, Marte está em trígono a Júpiter em Sagitário, regente da casa II, portanto regente accidental do exército e das forças de proteção do país. Apesar de retrógrado, Júpiter se encontra forte, domiciliado em Sagitário. Assim como Marte, regente essencial dos exércitos em Astrologia Mundana, Júpiter se soma a essa potência bélica.

A Resolução 181 da ONU foi o pretexto, o aval necessário para colocar em prática o plano militar. A Haganá, milícia judaica, foi consolidada como as Forças de Ocupação Israelenses (IOF)⁸, e a reafirmação da existência de Israel perpassa pela violência policial e militar até os dias de hoje. Regulus reforça o banho de sangue palestino necessário para se formar um povo israelense, ao mesmo tempo que coroa a sua própria formação. Vale lembrar que Israel (como governo) se declara “independente” após a retirada do Mandato Britânico, unilateralmente - foi uma “auto-coroação”.

⁸ “Forças de Ocupação Israelenses” é como ativistas pró-Palestina denominam o que é conhecido como “Forças de Defesa Israelenses” (IDF).

Capítulo 2: Acubens

A Declaração de Balfour e a arqueologia como arma

“Tua é a noite. o trigo tem pais que são teus pais. as casas, construtores que são teus avós, tuas chagas primeiras gritam-te todo, não outro menininho atingido sem querer pelas setas da deusa cípida. assim escreverás História, não Mito, que assim a Mulher de Areia não deverá testemunhar contra ti ou contra teu povo...” (Mahmoud Darwich)

Em 20 de abril de 1799, com o Saturno exilado sob o signo de Câncer, logo após um eclipse, Napoleão Bonaparte estava em meio a uma guerra na região da Palestina, e, com a necessidade de angariar aliados para ocupar a região de Acre, escreveu uma carta em Jerusalém à Nação Judia, oferecendo aquela região como uma “terra para os judeus retornarem” caso o apoiassem. A tentativa foi falha, pois ele precisou se retirar da Palestina algumas semanas depois. No entanto, esta carta representava um desejo já existente em instrumentalizar o sofrimento judeu para fins políticos.

Os anos 1800 assistiram a homens como Theodor Herzl defender e agir em prol do ideal do “retorno dos judeus à terra sagrada”. A Palestina foi escolhida como local de retorno, dentre outras opções possíveis (como Argentina ou Uganda). A princípio, as comunidades judaicas não viam sentido em apoiar tal movimento, por buscarem se integrar cada vez mais na população europeia. Herzl torcia que os judeus sofressem ainda mais preconceito na Europa, para que assim defendessem a ideia de retorno⁹.

Vários movimentos ganharam força no fim do século XIX, culminando no século XX com a **Declaração de Balfour**. O governo britânico reconheceu o movimento e o abraçou, emitindo uma carta aos cuidados de Rothschild, uma figura muito presente no movimento sionista.

⁹ Fonte:
https://www.youtube.com/watch?v=_zf84qCQw&list=PLyfYKmGfpTZ_WHJW1-1NOpJI_iAyoxoA2&index=1&t=1s&ab_channel=EditoraTabla

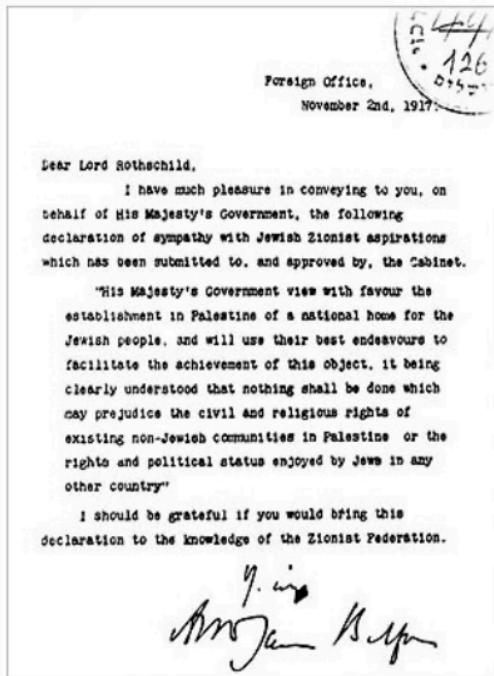


Figura: Declaração de Balfour. Fonte:
<https://www.gov.il/en/Departments/General/the-balfour-declaration-29-oct-2017>

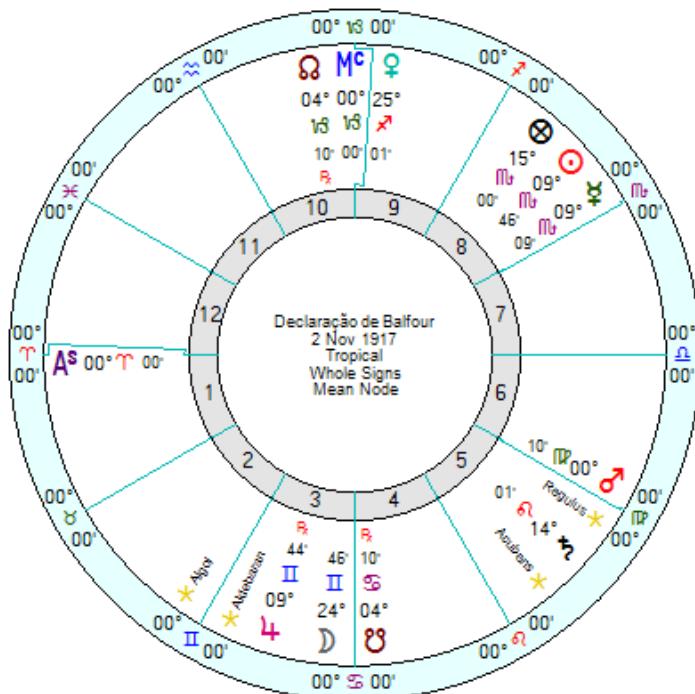
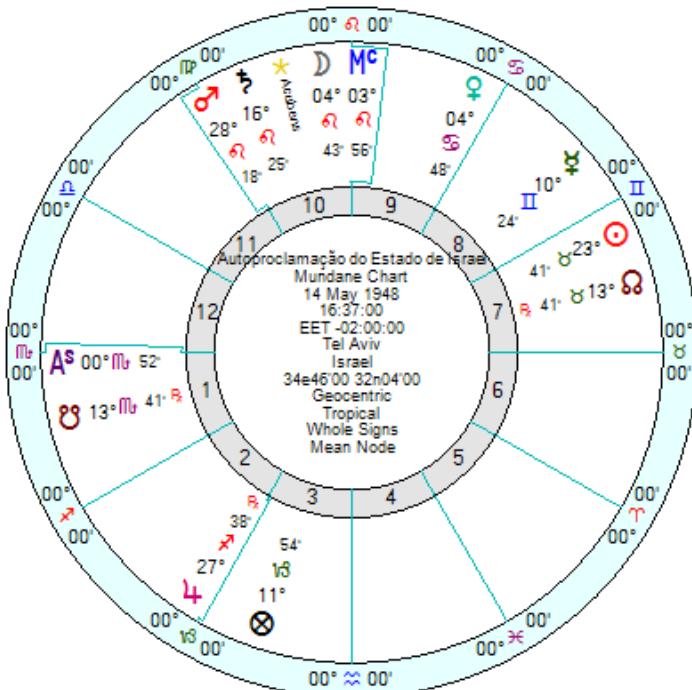


Figura: mapa da Declaração de Balfour; dia 02 de novembro de 1917. Mapa sem horário.

Notem o Saturno do mapa acima. Saturno em Leão, exilado, assim como no mapa da carta de Napoleão, traz dificuldades em estabelecer alicerces sólidos, está em terreno instável. O movimento Sionista se ancora no discurso de “um povo sem terra para uma

terra sem povo” (em uma falsa alegação de que não havia povo na Palestina), em uma solução territorial para o antisemitismo europeu. Com a Declaração de Balfour, a Inglaterra assumia um compromisso de medir esforços para que este Saturno pudesse estabelecer seus alicerces na Palestina, o que se concretizou na facilitação à imigração de judeus europeus para que, assim, aumentassem a porcentagem de judeus no território e, desta forma, trouxesse embasamento para a efetiva criação de um Estado judeu.



*Figura: mapa da autoproclamação do Estado de Israel, em 14 de Maio de 1948, às 16h37, em Tel Aviv.
 No mapa, destaca-se a estrela fixa Acubens.*

O Estado de Israel foi formado em um retorno de Saturno da Declaração de Balfour, com a bênção da estrela fixa Acubens.

Alfa da constelação de Câncer, Acubens está associada ao mito do Caranguejo que foi enviado para derrotar Hércules (que almejava derrotar a Hidra) através de uma mordida em seu calcanhar. Ele é morto, e, pela bravura, foi constelado nos céus. Clélia Romano a associa ao escaravelho egípcio, simbolizando vitória ao passar por circunstâncias difíceis (p. 173). A mesma autora traz o mapa do Papa João Paulo II, que possuía esta estrela constelada em seu mapa natal, trazendo a simbologia da ressurreição e de *dar vida*. Ao mesmo tempo, é uma estrela que poderá estar associada a apropriação religiosa para fins violentos - a autora traz o mapa de Jim Jones, líder de um culto que convenceu

todos os seus seguidores a cometerem suicídio almejando uma vida melhor (p. 174). A estrela possui componentes brancos e vermelhos, e é de natureza de Mercúrio e Saturno. Robson a denomina de “o refúgio ou o esconderijo” (p. 116).

O fim do mandato britânico representava, para o mundo, para a “declaração de independência de Israel”, uma ressurreição da terra sagrada. O retorno era o “refúgio” do “povo judeu”, e, de acordo com a narrativa sionista, a criação de Israel traria vida ao deserto, a uma “terra sem povo”. Esta ideologia mostra a instrumentalização do discurso religioso, e esconde os pilares coloniais e de ocupação e expropriação explicados no capítulo anterior.

É muito curioso olhar a semelhança do posicionamento de Saturno entre os mapas. A “ressurreição” de Acubens, nestes mapas, vem através do planeta do tempo e da agricultura. Sob o signo de Leão, o tempo se encontra em maus lençóis, “em exílio”. É como se o rei buscasse construir algo que pudesse superar o próprio tempo. Almejasse uma edificação sob um terreno arenoso sem qualquer estrutura. No mapa da autoproclamação do Estado de Israel, vemos se consolidar este plano de forjamento de um passado, um passado sem fósseis. O movimento sionista apelava de todo argumento que justificasse a ocupação na Palestina, utilizando até mesmo a bíblia cristã como documento histórico, como “uma prova de que os judeus pertenciam àquela terra”. A instrumentalização política da religião e do sofrimento causado pelo antisemitismo europeu (intensificado após o Holocausto) foi a estrutura na qual o país estabeleceu sua legitimidade. E a autoproclamação do Estado de Israel mostrou o ápice deste discurso. O rei conseguiu um terreno para forjar sua história.

Mas falha quem pensa que o rei venceu o tempo.

De um lado, há forças condenando o governo israelense pelos crimes contra a humanidade contra a população palestina, pela ocupação ilegal que desrespeita os tratados atuais, pela segregação. De outro, há um país que forja a própria arqueologia. Em março de 2023, a Autoridade de Antiguidades Israelense confessou que um artefato histórico encontrado na cidade de Asqalan era falso¹⁰. Há também este mesmo país que usa do discurso da arqueologia para expropriar terras palestinas, sob o pretexto da

¹⁰ Fonte: <https://english.wafa.ps/Pages/Details/133726>

pesquisa¹¹. Ao obter controle de sítios arqueológicos, Israel pôde forjar o que se encontra neles, e, assim, a história daquele lugar. Saturno, com a arma de Acubens, pode criar um passado para si. Israel lapida o passado, o tempo, a verdade e a história em areia movediça.

¹¹ Fonte:

<https://www.dailysabah.com/opinion/op-ed/israel-uses-archaeology-to-appropriate-the-past>

Capítulo 3: Aldebaran

A “guerra no coração da linguagem” e o apartheid



*Figura: muro na região da Cisjordânia, condenado pela ONU. Possui mais de 700km, altura de 8 metros, grossura de 3 metros e invade terras palestinas. Fonte:
<https://www.ity.com/news/2019-07-09/15-key-moments-in-the-israel-conflict-since-2004>*



*Figura: foto de carros na Cisjordânia. Carros de placa amarela - israelenses ou jerusalémitas - possuem livre acesso às estradas, assim como os carros internacionais. Os carros palestinos, de placa branca-verde, só podem circular na Cisjordânia, e precisam de autorização expressa do governo israelense para circulação em Jerusalém. Fonte:
<https://nakbafiles.org/2016/10/06/driving-while-palestinian-on-both-sides-of-the-green-line/>*



Figura: placa na Cisjordânia com os dizeres: “esta rodovia leva à ‘Área A’ sob a Autoridade Palestina. A entrada de cidadãos israelenses é proibida, de risco às suas vidas e é contra a lei israelense”. Fonte: <https://danielrosehill.medium.com/what-are-the-big-red-warning-signs-in-the-west-bank-about-26e7ef9dbe67>

Israel não possui uma constituição como a brasileira¹². Há, no lugar, as “Leis Básicas” e “Leis Comuns” que regem o país. Em conjunto a elas, as *Ordens acerca de provisões de segurança* [Order regarding Security Provisions] trazem outras diretrizes de ações das Forças de Ocupação de Israel (IOF), dentre elas as “detenções administrativas”, que autorizam prisões de civis que representem perigo futuro ao país (por exemplo, a prisão de alguém que declara que fará alguma ação ilegal no futuro)¹³.

Os regimentos do país, na prática, são instrumentos de opressão e de exclusão da população palestina da sociedade. Instituições como a Anistia Internacional denunciam Israel pelo estado de *apartheid* instaurado desde 1948. *Apartheid*, considerado um “crime contra a humanidade” pela ONU desde 1973, é uma política oficial de Estado que provoca segregação de um grupo da sociedade. Associamos este crime à África do Sul, que provocou um estado de *apartheid* durante décadas contra a população negra do país. E atualmente, urgentemente, é necessário que seja entendido que o mesmo ocorre no Estado de Israel, contra a população palestina.

¹² Ao invés de uma constituição israelense, há a promulgação das “Leis Básicas”, que formam a Knesset, o parlamento com poderes de promulgar novas leis, e há as “Leis Comuns” (dentre elas, a Lei do Retorno, que garante nacionalidade israelense a qualquer judeu no mundo que deseje imigrar para o país). Não há um instrumento unificado que une as leis criadas até o momento. Para mais informações sobre como funciona o poder israelense em termos jurídicos, ver DA SILVA, Roberto. “Uma constituição para Israel”. https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/47/185/ril_v47_n185_p211.pdf

¹³ Fonte: https://hamoked.org/files/2017/1055_eng.pdf

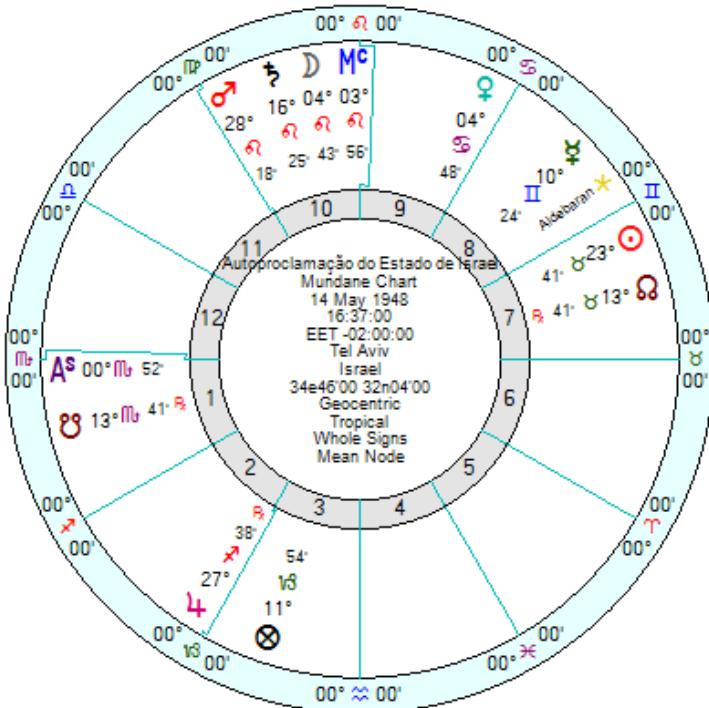


Figura: mapa da autoproclamação do Estado de Israel, em 14 de Maio de 1948, às 16h37, em Tel Aviv.
No mapa, destaca-se a estrela fixa Aldebaran.

O desafio de se falar da estrela fixa Aldebaran é grande. A estrela é a Alfa da constelação de Touro, representa o olho esquerdo do Touro, é uma das quatro estrelas reais da Pérsia, e carrega consigo o mito do signo de Touro. Robson descreve o mito sendo Zeus, que se transforma em um Touro para se misturar a outras mulheres a fim de conquistar Europa (p. 62). Já Romano associa a estrela ao mito de Mithras, um deus militar, o “matador do touro cósmico”, que concedia vitórias àqueles que seguissem procedimentos estritos de sua adoração (p. 162). Esta estrela é listada por Abu Mashar em seu livro “Flowers” como uma das estrelas maléficas em mapas mundanos, causando danos a depender de seu posicionamento. De natureza de Marte, está associada à Mansão Lunar Al Dabaran, e “causa a destruição e impedimentos nos edifícios, fontes, poços, minas de ouro” (ROBSON, p. 70).

Ao descrever as estrelas fixas ao longo do tempo do mapa da cidade de Londres, o Comandante Morrison cita a influência de Aldebaran:

Mais uma vez, cerca de 389 anos depois, a muito violenta e perversa estrela marcial *Aldebaran* entra dentro da orbe do ascendente de Londres, e então muitíssimos males, incluindo *fogo, guerra e derramamento de sangue*, anularão inteiramente a importância de Londres (ROBSON, p. 223-224).

Mercúrio, planeta que, neste mapa, está conjunto à estrela fixa Aldebaran, é um planeta ágil, e significador essencial dos caminhos e da palavra. As ruas, estradas, livros, estudos, escrita estão sob seu domínio. Os comerciantes e os meios de comunicação pertencem a Mercúrio.

O *apartheid* se encontra no impedimento do ir-e-vir palestino: o país se estrutura à base de muros e *check-points* chefiados pela IOF, posicionados tanto ao redor quanto dentro da Cisjordânia, sob o pretexto da segurança. Na prática, os *check-points* são formas de impedir que palestinos se desloquem livremente, mesmo em território próprio. Há cidades nas quais só é possível entrar ou sair através deles, e entidades internacionais denunciam o Estado por negar o acesso de pessoas à saúde e outros direitos humanos através desta vigilância. O *apartheid* se encontra em placas de carros, nos quais carros palestinos (placas brancas e verdes) não podem circular fora da Cisjordânia, podendo ir a Jerusalém apenas com autorização expressa do governo israelense (e ainda assim precisam pagar impostos ao governo palestino e ao governo israelense), enquanto que carros israelenses e de Jerusalém (placas amarelas) têm livre circulação.

Outra forma de opressão israelense sobre a Palestina se dá através dos estudos e da palavra. Ao acessarmos o site da embaixada de Israel, vemos palavras como “independência”, como se a formação deste Estado fosse através de um processo de independência de um colonizador. Para a justificação da presença de Israel na Palestina, ministros encomendaram estudos que pudessem atestar e validar suas ações. O historiador Ilan Pappé, em seu livro “Dez mitos sobre Israel”, discorre sobre a necessidade de obter provas para o discurso israelense nos anos 1960. O governo estadunidense, na época, pressionava Israel a permitir o retorno de palestinos refugiados. O primeiro-ministro Ben-Gurion, temendo que a pressão cedesse, buscou acadêmicos israelenses a fim de conduzir pesquisas que provassem que os palestinos haviam partido de forma voluntária. O pesquisador-júnior Ronni Gabai realizou a pesquisa, e não chegou às conclusões que o primeiro-ministro desejava. No entanto, o jornalista Hazkani (para o jornal Haaretz) encontrou em arquivos uma carta deste pesquisador resumindo sua pesquisa e mencionando que os palestinos haviam saído voluntariamente após convocação de outros países árabes.

Mercúrio rege a Casa XI, que é a segunda casa contada após a casa X, as bases do governador - logo, as leis. Estas leis, sob o signo de Gêmeos, dão detimento aos assuntos jupiteriais, pois Gêmeos é um signo onde Júpiter encontra exílio. Isso quer dizer: o que se faz com a palavra causa desonra para a justiça e a boa-fé. As detenções administrativas citadas no início do capítulo são utilizadas, na prática, para produzir uma enorme população carcerária palestina. De acordo com a instituição B'tselem, de 2015 a 2017, 3.909 pedidos de detenção administrativas foram realizados. Destes, 2.441 (62.4%) eram extensões de pedidos existentes. Somente 48 (1.2%) foram cancelados por uma corte militar. As demais detenções foram deferidas¹⁴. Somente em 2022, Israel emitiu 1.365 pedidos de detenção administrativa contra palestinos¹⁵.

Os meios de comunicação são, portanto, armas importantes. É comum lermos nos jornais sobre o “conflito” entre Israel e Palestina, é ainda mais comum vermos imagens de paz de lugares como Tel Aviv, que negam qualquer relação árabe. Ouvimos falar de suas inovações tecnológicas, de suas ações pró-meio ambiente, sobre seu acolhimento de pessoas LGBTQIAP+, sobre seus investimentos em pesquisa e em universidades. Durante a pandemia de COVID-19, Israel se tornou referência quanto à produção de vacinas. Mas não ouvimos falar das leis anti-plantio e anti-forrageamento de plantas comestíveis árabes¹⁶ implantadas sob o pretexto de “proteção ambiental” mas, na prática, impedem o acesso da população palestina a produtos oriundos de sua própria cultura. Não ouvimos falar de como a vacinação de COVID-19 não foi igualitária entre israelenses e palestinos. A “modernidade” israelense cultuada pela mídia esconde o projeto de violência em execução.

Jean Genet¹⁷ fala que a guerra está localizada “no coração da linguagem”. Sem um passado para se edificar, Israel se estrutura pela linguagem. Mercúrio segura a legitimação da ocupação, segura a legitimação do genocídio e do *apartheid*. Sem Mercúrio, Israel não seria o Touro que é.

¹⁴ Fonte: https://www.btselem.org/administrative_detention

¹⁵ Fonte:
<https://www.monitordooriente.com/20220915-israel-emitiu-1-365-ordens-de-detencao-administrativa-em-2022/>

¹⁶ Para saber mais, recomendo o filme *Foragers*, da diretora palestina Jumana Manna (2022).

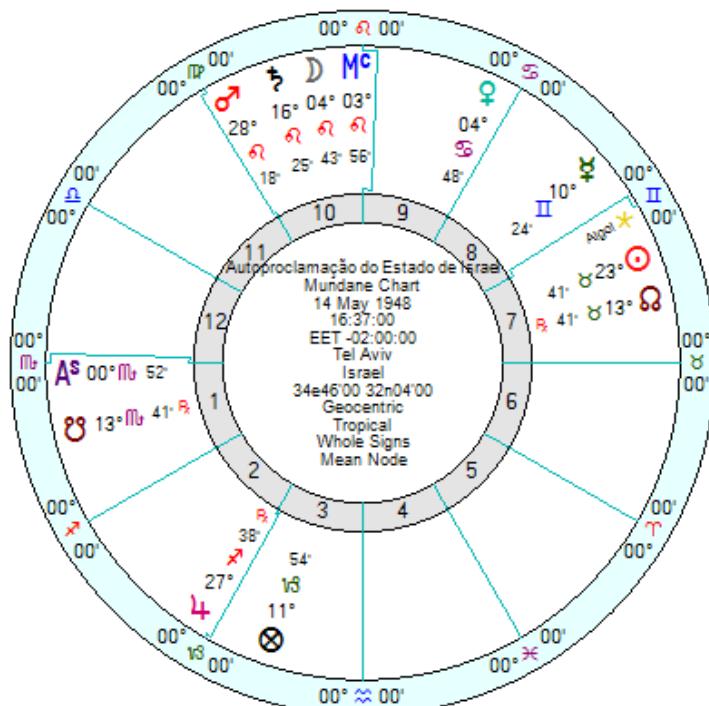
¹⁷ GENET, Jean. “The Prisoner of Love”. apud RESENDE, Fernando, “A guerra no coração da linguagem”. Belo Horizonte, 2021, Partisane Filmes.

Capítulo 4: Algol

A existência da Palestina é uma inimiga declarada

*"Minhas luas estão crucificadas
 E o mundo não se importa com as luas,
 O mundo não para seu grito para romper a corda que estrangula
 O pescoço da lua.
 [...]*

*Você sabe que todo olho palestino
 É uma boca de fuzil
 Que toda a dor é uma guilhotina
 E o horizonte em Yafa e Gaza se aproxima."*
(Fatima Ahmad)



*Figura: mapa da autoproclamação do Estado de Israel, em 14 de Maio de 1948, às 16h37, em Tel Aviv.
 No mapa, destaca-se a estrela fixa Algol.*

Apesar de Mercúrio agir a favor da imagem tecnológica e moderna de Israel, a estrela fixa Algol não esconde o que foi dito nos capítulos anteriores: há um projeto de colonização e de limpeza étnica em execução. Há um Outro construído como inimigo declarado, que é a Palestina. Na formação do estado, os palestinos foram comparados

com nazistas pelos sionistas (PAPPÉ, p. 199), e que a resistência palestina deveria ser temida por um risco de um “segundo holocausto”. Assim, foi construída uma ideia de inimigo.

Hoje em dia, Israel controla 85% da água palestina¹⁸. O acesso e extração de água do Rio Jordão é proibida aos palestinos desde 1967, e há proibições para manutenção ou abertura de poços e cisternas. A água disponível na Faixa de Gaza é, em sua maioria, extremamente poluída, e a situação se agrava pelos ataques de Israel contra o território e os bloqueios de acesso à região, onde o acesso à água municipal é permitido apenas 3x por semana¹⁹. Ao redigir este artigo, acompanhamos ao vivo o cerco realizado por Israel contra a Faixa de Gaza, bloqueando totalmente o abastecimento de água, energia elétrica e combustível.

Algol, de acordo com Robson (p. 124), vem de “Ra’s al Ghuk”, a *Cabeça do Demônio*. Os chineses a chamavam de Tseih She, os cadáveres empilhados. O mito conta a história de Medusa, górgona sacerdotisa de Atena, que, consensualmente ou não, se deitou com Poseidon dentro do próprio templo de Atena²⁰. Como punição, Atena amaldiçoou Medusa, transformando seus cabelos em cobras e condenando-a a petrificar qualquer um que olhasse em seus olhos. Perseu, a figura constelada nos céus, é o herói que a decapta, e do seu sangue nasce Pégasus.

A estrela beta da constelação de Perseu. Algol é um sistema estelar tripla, onde uma estrela menor orbita uma estrela maior, eclipsando-a a cada 2,86 dias. Algol parece piscar, e, em Astrologia Tradicional, tudo que “perde luz” tem caráter maléfico. De natureza de Júpiter e Saturno, está associada à violência, decapitação e injustiça. Causa “qualquer outra ação demoníaca que possa ocorrer à raça humana”, de acordo com Romano.

No mapa da autoproclamação do Estado de Israel, o Sol se encontra conjunto a esta estrela fixa. O Sol, tanto essencial quanto acidentalmente neste mapa, rege o

¹⁸ A nota da Palestinian Central Bureau of Statistics, em conjunto à Palestinian Water Authority, foi publicada em 22/03/2023. Fonte:

https://www.pcbs.gov.ps/portals/_pcbs/PressRelease/Press_En_22-3-2022-Water-en.pdf

¹⁹ Fonte:

<https://www.aljazeera.com/news/2021/10/12/gaza-undrinkable-water-slowly-poisoning-people>

²⁰ Há versões do mito que diz que o sexo foi consentido, outras que diz que foi um estupro.

governante, de Ben Gurion a Netanyahu. O Sol, o primeiro-ministro, se encontra em uma união oculta (que chamamos na Astrologia de Antíscia) com a Lua, significador essencial do povo e também das águas e dos portos marítimos. Para Lily, a Lua rege “campos, fontanários, banhos, enseadas do mar, estradas e lugares desertos, cidades portuárias, rios, tanques de peixes, piscinas, lugares pantanosos, áreas costeiras, pequenos riachos, fontes, portos para navios ou docas” (p. 82). Os portos estão conectados pelas sombras desta estrela. A estratégia deste governo-Algom é poluir a água, fazer de um porto uma “prisão a céu aberto”, impedir a circulação por terra e água e bloquear o acesso à água potável.

A conhecida Faixa de Gaza, antigamente, era uma das principais portas marítimas e terrestres da Palestina para o mundo. Era uma região cosmopolita, cuja localização costeira, que leva do Egito ao Líbano, trouxe prosperidade e estabilidade. Como região como conhecemos, foi criada no fim da guerra de 1948, quando os sionistas colocaram centenas de milhares de palestinos lá. Desta forma, o que corresponde a 2% do território palestino se tornou o maior campo de refugiados da Terra, de acordo com PAPPÉ (p. 206), cuja possibilidade de deslocamento era controlada (e inibida) por Israel de um lado, e pelo Egito de outro.

Antes de 2005, junto dos palestinos, havia assentamentos judeus na região, pois havia o interesse em anexar a Faixa de Gaza ao território israelense. Contudo, com o acirramento político entre o governo israelense e o Hamas (cuja influência política ascendia no território), o político Ariel Sharon propôs a retirada dos assentamentos israelenses da Faixa de Gaza. O que parecia ser um ato de paz e de libertação da região, na verdade era uma ação estratégica militar. Afinal, sem judeus no território, seria muito mais fácil controlar Gaza, através de políticas de retaliação, sem o risco de trazer danos aos cidadãos israelenses. Logo, nos anos seguintes, sem israelenses em Gaza, os ataques se intensificaram, um aeroporto foi bombardeado, e a situação humanitária apenas piorou.

O governante se estabelece no campo dos inimigos declarados (Casa VII), realiza grandes investimentos bélicos e, inclusive, exporta sua tecnologia para outros países (para o Brasil, inclusive²¹).

E o regente da Casa VII, que representa, neste mapa, a Palestina (considerada o inimigo declarado do estado sionista) é a Vênus. Visível ao surgimento do Estado (o Ascendente), mas invisível perante o Governo, a população israelense, o sistema de leis, a mídia (sem aspectos com os demais planetas). Masha'allah cita que a Vênus é tradicionalmente associada aos árabes²². Levada para a Casa IX, ao exílio dentro e fora de seu território, parte da Palestina resiste no Brasil, Argentina, EUA, França, Alemanha, Líbano. E resiste fortemente pela arte, pela preservação da história e por meios não-violentos.

²¹ Para saber mais sobre as relações entre DE REZENDE, Janaína. A importação da violência israelense para América Latina.

<https://www.monitordooriente.com/20220111-a-importacao-da-violencia-israelense-para-america-latina/>

²² Masha'allah menciona, no “Livro das Conjunções” [Book of Conjunctions] que o signo dos árabes é Escorpião, e a Vênus o seu planeta. (livro presente em DYKES, “Astrology of the World II: Revolutions & History”, p. 182, capítulo 10, item 9). Tradução livre.

E a Palestina?

A Palestina luta pela sua autonomia e soberania. O líder Yasser Arafat proferiu uma declaração de independência da Palestina, escrita pelo poeta Mahmoud Darwich, lida em exílio (na Argélia), no dia 15 de novembro de 1988, às 00h40 (fonte: CAMPION, The Book of World Horoscopes, p. 234). Apesar de ter ocorrido na Argélia, o autor defende que o mapa seja aberto na cidade de Jerusalém, capital idealizada pelo povo palestino:

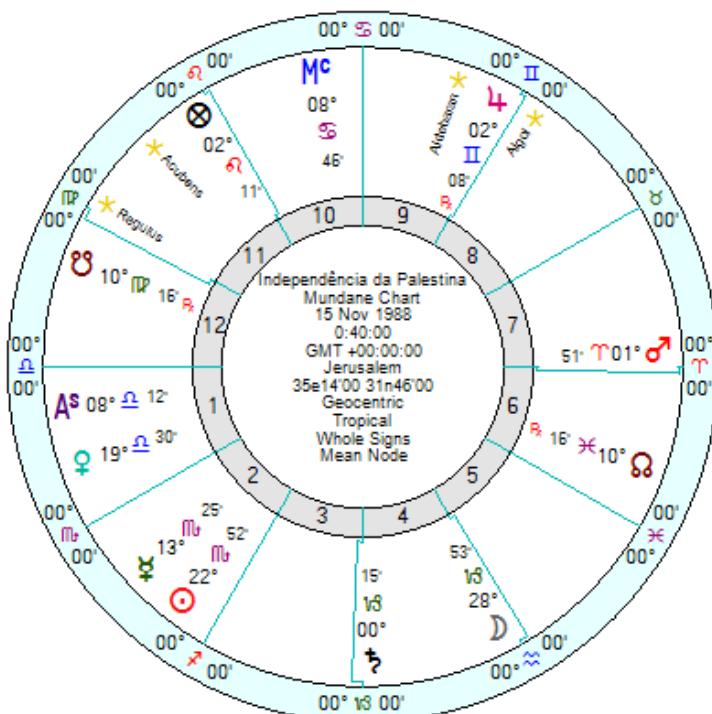


Figura: mapa da proclamação da independência Palestina, em 15 de novembro de 1988, às 00h40. Mapa aberto para Jerusalém, capital idealizada pelos palestinos.



Figura: Yasser Arafat, na leitura da proclamação da independência da Palestina. Fonte:
<https://english.wafa.ps/Pages/Details/120973>

No mapa, nota-se o povo palestino sendo representado pela Vênus, regente do Ascendente, domiciliada (forte), em oposição a Marte domiciliado (forte) na casa VII (dos inimigos declarados). Um povo forte relembraria a sua existência e sua guerra (oposição) com o bélico estado sionista de Israel. O Sol, simbolizando o governante, está no signo de Escorpião, signo fixo, estratégico e bélico, não escondendo os braços armados dos partidos políticos palestinos. A resistência palestina vem da arte e da história, mas também vem da luta. Vale ressaltar também que todos os assassinados/mortos pelo estado sionista são nomeados mártires.

Outro ponto importante é o Saturno deste mapa, presente na casa IV. Peço para que o leitor se lembre do mapa da autoproclamação de Israel: a Casa IV, que corresponde à terra, ao terreno que o país é construído, é regida por Saturno em Leão, exilado, cujos alicerces são duvidosos (vide Capítulo 2). No mapa da proclamação da independência da Palestina, temos o regente da Casa IV Saturno também, porém em Capricórnio. Os alicerces são consolidados neste signo, fortalecidos e bem-estabelecidos. A terra palestina não é construída sobre “areia movediça”, e sim sobre terreno nivelado, matematicamente calculado, e a sua história é provada por sólidas e consistentes evidências arqueológicas. A proclamação da independência restitui a terra palestina ao povo palestino.

O texto da independência foi redigido pelo grande poeta palestino Mahmoud Darwich:

Portanto, neste dia diferente de todos, 15 de novembro de 1988, ao depararmos com o limite de um novo amanhecer, com toda a honra e modéstia nós humildemente nos curvamos aos espíritos sagrados dos caídos, palestino e árabe, pela pureza daqueles cujo sacrifício pela terra natal nosso céu tem sido iluminado e à nossa terra trouxe vida. Nossos corações se elevam e irradiados pela luz emanando da tão abençoada intifada, daqueles que sofreram e lutaram a luta dos campos, da dispersão, do exílio, daqueles que suportaram o padrão de liberdade, nossas crianças, nossos anciões, nossa juventude, nossos prisioneiros, detidos, e feridos, todos aqueles cujos laços ao nosso solo sagrado se confirmam em campo, vila e cidade. Nós prestamos tributo especial para aquela corajosa mulher palestina, guardiã do alimento e da vida, guardiã da chama perene de nosso povo. Às almas de nossos santificados mártires, a todo o nosso povo palestino árabe, a todas as pessoas livres e honradas em todos os lugares, prometemos que nossa luta continuará

até que a ocupação termine, e o alicerce de nossa soberania e independência será fortificada em conformidade.

Portanto, apelamos ao nosso grande povo para que se junte à bandeira da Palestina, a cuidar e defendê-la, para que possa ser para sempre o símbolo de nossa liberdade e dignidade naquela pátria, que é a pátria dos livres, hoje e sempre.²³

O fim do mandato britânico, dia 15 de maio de 1948, é relembrado pelos palestinos como A **Nakba** (a catástrofe, em árabe), uma vez que esta formação, como mencionado ao longo deste artigo, se deu através da morte e expulsão de mais de 700 mil palestinos, e lhes foi negado o direito ao retorno. Este mandato foi finalizado às 00h do dia 15 de maio de 1948, o que nos permite abrir um mapa para a Nakba:

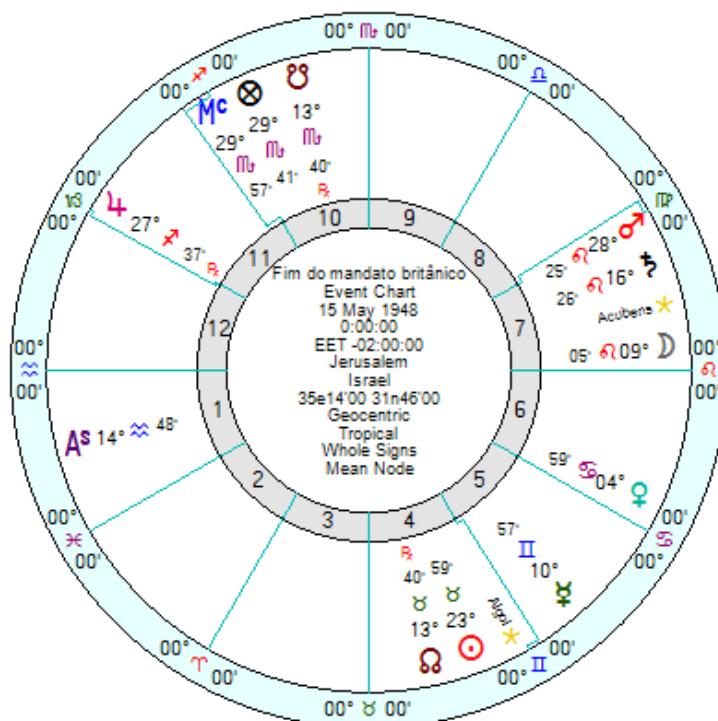


Figura: mapa do fim do mandato britânico na Palestina, em 15/05/1948 às 00h. Mapa aberto para Jerusalém. As estrelas fixas Algol e Acubens estão destacadas.

Se tomarmos este céu como o mapa do penar do povo palestino, temos Saturno, regente da casa 1 como significador desse povo. Saturno exilado na casa 7, sob o signo do Sol, o seu inimigo. Vemos no mapa um povo sob risco de perder um passado, enfrentando

²³ Fonte: <https://www.palquest.org/en/historictext/9673/palestinian-declaration-independence>. Tradução própria.

um inimigo declarado. A estrela fixa Algol, citada anteriormente, representa neste mapa o inimigo declarado da Nakba. A Palestina é uma inimiga declarada, e a Nakba mostra que estão lutando contra as inúmeras violações aos direitos humanos cometidos pelo governo de Israel.

A Vênus, que não vê aspectos, neste mapa representa a terra, o passado. Os esforços para manter vivo o passado são necessários, pois se não, ninguém vê. Se não, não haverá terra palestina.



Figura: foto da obra “A barrier growing downward” (“uma barreira crescendo para baixo”, tradução livre), de Al Aziz Atef, artista do campo de refugiados de Al-arroub, localizado entre as cidades de Hebron e Jerusalém.

Considerações Finais

“[...] a aura do mito predetermina a escolha de metáforas... toma delas o que serve à ascensão da canção à sua última instância, longe o bastante para a voz da vítima troiana perdida e o fracasso da vitória grega retornarem à juventude seu guerreiro, envelhecido pela dualidade casa-jornada. [...] é verdade que quem escreve sua história primeiro ganha o chão da história?” (Mahmoud Darwich)

Vemos muito as estrelas *Regulus* e *Aldebaran* lembradas como honrarias, e faz-se necessário um maior estudo para ver até onde há estas honrarias e o quanto estas estrelas estão associadas à destruição e violência. A belicosidade do estado israelense poderia ser vista de outras maneiras (por exemplo, a maioria dos planetas estão nos termos de Marte e Saturno, exceto pela Lua e Mercúrio - esta regência significa belicosidade e austeridade), mas a escolha deste artigo foi através das estrelas fixas.

Ao abrir o mapa da autoproclamação do Estado de Israel, várias questões surgem: quando a Palestina será livre? Quando Israel sofrerá sanções pelos seus crimes de guerra e infrações do direito internacional? Por que o software não reconhece a Palestina? Isso afeta em alguma instância os dados de fuso-horário e localização? Quais palavras utilizarei ao me referir a este sistema colonial, uma vez que parte das ferramentas israelenses reside na narrativa? Qual cidade tomarei como local de cada mapa, pensando que Tel Aviv ou Jerusalém, apesar de cidades próximas, mudam completamente a minha ética e o meu posicionamento político?. Sinto que estas perguntas precisam acompanhar cada um que desejar analisar estes mapas. Finalizo o artigo com mais perguntas do que respostas, com mais questões do que confortos. Com um caminho possível de aprofundamento de pesquisa.

Ao forjar uma criação de um povo, forjou-se a criação de uma ficção para aquele território - ficção que precisava ser legitimada através do discurso e da criação de um outro. O apagamento histórico traz riscos graves para o esquecimento deste passado. Ao estudarmos sobre a formação de Israel, nunca é falado sobre o projeto sionista, sobre Plano Dalet, sobre o apartheid e sobre as retaliações que os palestinos sofrem há 75 anos. O mapa da Nakba nos mostra que a saída é através de Saturno Acubens: é necessário que esta história seja contada e recontada, para que os esforços sionistas de

legitimização da ficção que criaram não sejam enraizados. A saída é manter viva a história, sem deixá-la morrer ou ser apagada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPION, et. al. Mundane Astrology. HarperCollins, 1989.

CAMPION, Nicholas. The book of World Horoscopes. The Wessex Astrologer, 2004.

DARWICH, Mahmoud. Da presença da ausência. Editora Tabla, 2020.

DYKES, Benjamin N. Astrology of the World II: Revolutions & History. The Cazimi Press, 2014.

EL-YOUSSEF, Samir. Gaza, Terra da Poesia. Editora Tabla, 2022.

FORAGERS. Jumana Manna. Filme. 2022.

GRAMAGLIA, Eduardo. Astrologia Hermetica. Kier, 2006.

LILY, Willian. Astrologia Cristã. Biblioteca Sadalsuud.

PAPPÉ, Ilan. Dez mitos sobre Israel. Editora Tabla, 2022.

PAPPÉ, Ilan. A Limpeza Étnica da Palestina. Editora Sundermann, 2008.

ROBSON, Vivian. As Estrelas Fixas e suas Constelações. Biblioteca Sadalsuud.

ROMANO, Clélia. As Estrelas Redescobertas.